

VISÃO DE LOUCURA EM “O REI LEAR” DE WILLIAM SHAKESPEARE

Anderson Amaral de Oliveira – anderson.amaral@unijui.edu.br
Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Liane Beatriz Rotili – liane.rotili@hotmail.com
Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ).

RESUMO: A loucura apresenta-se como um dos temas centrais da obra “O Rei Lear” de William Shakespeare, demonstrando-se em diversos estágios e em manifestações distintas, iniciando-se com o desejo inusitado do monarca de dividir seu reino a suas três herdeiras enquanto ainda está vivo, antecipando, com isso, o problema de sucessão ao trono. O alcance do poder monárquico é colocado em evidência nesse estudo, pois, ao mesmo tempo que permite o poder sobre seus vassalos, se sobrepõe à vontade do próprio monarca, que fica preso a seu exercício. Este artigo de análise literária tem por objetivo discutir e problematizar as visões de loucura que se apresentam na obra a partir de duas manifestações particulares: a loucura e a velhice, e a loucura e o poder. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir do texto shakespeariano, de modo a evidenciar, problematizar e discutir o tema escolhido. A conclusão do estudo aponta para um encontro da loucura manifestada com a demência, com a cegueira e com o poder, transpassando o enredo principal da obra, exercendo igualmente sua influência nos enredos secundários da obra.

PALAVRAS-CHAVE: O Rei Lear; Loucura e velhice; Loucura e poder.

1 INTRODUÇÃO

A obra “O Rei Lear” (*The King Lear*) é uma importante peça de William Shakespeare, sendo considerada por críticos como A.C. Bradley (2009, p. 182) como uma de suas obras-primas. Nela, a antiga história do rei Leir da Bretanha é apresentada, sendo o monarca, o fundador lendário da cidade de Leicester, que surge na Inglaterra no século XII, escrita pelo monge Geoffrey of Monmouth, tributária às narrativas orais dos mitos que explicam a origem da raça britânica. A história lendária já era encenada por outros dramaturgos anteriores a Shakespeare, havendo inclusive versões de histórias semelhantes impressas antes de 1608. Dentre estas, é possível mencionar *Genealogy of the Kings of England*, impressa em meados de 1560, *Raphael Holinsbed's chronicle History of England*, de 1577, a edição de 1574, *Mirror for Magistrates*, e *William Warner's verse chronicle Albion's England*, de 1584. (WELLS and TAYLOR, 2000, p. 1-19)

A loucura configura-se como um dos principais temas desta obra, apresentando a deterioração das faculdades mentais do soberano da Britânia. O enredo da peça apresenta o Rei Lear, velho e cansado, que decide dividir seu reino entre as três filhas, Goneril, Regana e Cordélia, mediante eloquentes juras de amor e devoção filial. Cordélia, a mais jovem das três, recusa-se a jurar amor

exclusivo ao pai, considerando que estava em véspera de ter designado para si um marido, não prometendo, contudo, amar menos seu pai. Constrangido publicamente e irado, o rei deserda Cordélia e passa de poderoso monarca a um homem, velho e comum, que se torna dependente das filhas. A ordem e o *status quo* são subvertidos, observando-se que Lear exerce uma relação macrocômica na peça: o que se passa no seu universo reverbera em seus múltiplos análogos, a exemplo de Gloucester.

O presente ensaio propõe apresentar, a partir de evidências textuais, duas visões de loucura: a loucura relacionada ao signo da velhice e a loucura relacionada ao poder. Para tal pesquisa, textualmente orientada e de caráter bibliográfico, será considerada a trajetória da personagem principal, sua relação com a estrutura da obra e sua relação com outras personagens. Esta pesquisa foi realizada a partir da tradução de Millôr Fernandes (2015) e do texto original editado por Stanley Wells and Gary Taylor (2000).

2 VISÕES DE LOUCURA

2.1 A LOUCURA E A VELHICE

Embora escrita muito antes do advento da psicologia moderna, de Freud e Lacan, a história de Rei Lear traz em seu cerne a preocupação de um homem poderoso em manter o controle de suas faculdades mentais diante da senilidade e dos desdobramentos de suas ações realizadas sob o signo da velhice. É possível observar que o destino que aguarda a personagem após essa construção revela-se bastante duro, causando sérios impactos em sua visão de mundo, especialmente pela posição de chefe do poder monárquico, ocasionando em uma sucessão de escolhas tortuosas que levam à sua completa derrocada.

A loucura pode ser compreendida como a perda do eixo de sustentação do sujeito que separa as dimensões interior e exterior. Desse modo, é enunciada como *alienação mental*, a partir de sua construção discursiva. Segundo Birman (1999, p. 155), este conceito é oriundo dos séculos XVI e XVII, embora ainda apresente validade ao considerarmos a constituição da personagem shakespeariana, que analogamente diz respeito à representação de uma interioridade complexa ao longo de seu desenvolvimento diegético. Assim:

[...] na concepção da loucura como alienação está implícita a ideia de que o sujeito, presente dentro-de-si até o momento de enlouquecimento, se perdeu de seu eixo de sustentação, deslocando-se, pois de dentro para fora-de-si. Enquanto exterioridade radical de si mesmo, o espírito se perderia nas brumas e se evaporaria. Com isso, o sujeito perderia o que lhe seria fundamental, a *autoconsciência* que lhe define tanto no sentido do *autocentramento* quanto no da *interioridade* (BIRMAN, 1999, p. 155).

A perda da autoconsciência aparece como um tema constante na peça, manifestando-se em Lear à medida que sua condição mental se dissolve, levando o sujeito a ficar completamente fora de si. Esse fenômeno apresenta-se de maneira gradual, iniciando em Lear, com tomadas de decisões inusitadas atribuídas a um comportamento excêntrico, chegando ao ponto máximo de exaustão das faculdades, a própria demência apresentada no ato IV cena VI. Para Foucault em “História da loucura na idade clássica.” (1978, p. 282):

A demência não organiza suas causas, ela não as localiza, não especifica suas qualidades segundo a figura de seus sintomas. Ela é o efeito universal de toda alteração possível. De certo modo, a demência é a loucura menos todos os sintomas particulares a uma forma da loucura: uma espécie de loucura em filigrana da qual transparece pura e simplesmente aquilo que a loucura é na pureza de sua essência, em sua verdade geral. A demência é tudo o que pode haver de desatinado na sábia mecânica do cérebro, das fibras e dos espíritos.

Lear apresenta plena lucidez ao iniciar a peça, demonstrando por suas falas estar em pleno controle de suas faculdades mentais ao tomar a fatídica decisão sobre a condução do reino. O que parece ausente e alheio ao rei é a correta mensuração das consequências políticas da abdicação, sobressaindo-lhe a vaidade e o reforço de seu poder, para que posteriormente possa indicar um maior contraste entre as duas situações às quais o monarca se submete, criando maior efeito dramático.

Lear: [...] Dêem-me esse mapa aí. Saibam que dividimos em três o nosso reino. É nossa firme decisão diminuir o peso dos anos, livrando-nos de todos os encargos, negócios e tarefas, confiando-os a forças mais jovens, enquanto nós, liberados do fardo, caminharemos mais leves em direção à morte. [...] Digam-me, minhas filhas - já que pretendo abdicar de toda autoridade, posses de terras e funções do estado -, qual das três poderei afirmar que me tem mais amor, para que minha maior recompensa recaia onde se encontra o mérito natural (SHAKESPEARE, 2015, Cena I ato I, p. 8).

O cargo de chefe do poder monárquico não consiste, porém, em uma atividade política e administrativa comparada às dos comuns, que pode ser assumida e renunciada de acordo com as possibilidades de uma legislação humana. O rei exerce um papel de completa abnegação de si próprio enquanto sujeito, para assumir um papel que lhe é legado pela lei divina da hereditariedade, do espírito e do sangue nobre, havendo um propósito de ordem superior para tal escolha. A recusa ao poder, a renúncia à tal benesse divina, acarreta em severas punições para o seu não cumprimento.

Bem como os servos são submissos às vontades do rei, Lear é igualmente submisso às designações de seu cargo, assim, a subversão a sua obrigação monárquica não é punida com morte

por enforcamento ou pela guilhotina, e sim pela maldição, pela loucura e pela anulação completa de si pela ignomínia.

Com exceção do nobre Kent, é possível perceber que, embora inusitadas, as decisões de Lear não são questionadas, especialmente pelas duas filhas mais velhas que se beneficiam da arbitrariedade dessas decisões. Apesar disso, Lear demonstra aspectos de uma personalidade grandiosa, cuja posição de poder permite seu exercício com tais toques de excentricidade. As falas de suas filhas corroboram essa visão do monarca:

Goneril: Tu vês como é cheia de mudanças a velhice. A experiência que tivemos foi bem grave; ele sempre gostou mais de nossa irmã; e a falta de critério com que a repudiou agora se mostrou de maneira bem grosseira.

Regana: É um mal próprio da idade; aliás, nunca teve um maior conhecimento de si próprio.

Goneril: Mesmo no tempo melhor e mais saudável de sua vida sempre foi um imprudente: devemos esperar de sua velhice não apenas os defeitos há muito tempo adquiridos e entranhados mas também a impertinência e os caprichos que chegam com os anos de senilidade e doença (SHAKESPEARE, 2015, p. 17 -18).

As manifestações da velhice passam a preocupar as filhas por causar dúvidas sobre como se dará a condução do poder daqui para frente. Não há, contudo, uma preocupação com a figura humana de Lear como patriarca, ou mesmo como pai, e sim com o cargo de poder que envolve autoridade e a presença de um rei na corte fora de controle, mesmo que destituído de seu cargo. Goneril e Regana consideram a decisão de Lear grosseira, mas ainda sim inquestionável, ao passo que as beneficiou diretamente. Cordélia, sabidamente a predileta do rei, estando distante e desprezada, apresenta-se como vitória dupla a Goneril e Regana, bem como uma dupla ofensa a Lear.

A velhice torna-se um signo atribuído a Lear, de modo que suas ações passam a ser vistas a partir da perspectiva de decrepitude. Deste modo, as filhas reafirmam seu poder e se autorizam a revogar as ordens de Lear, bem como ignorá-lo completamente. Goneril inclusive afirma: “A culpa é dele; por vontade própria abandonou sua tranquilidade; tem que pagar por sua loucura.” (SHAKESPEARE, 2015 Ato III p. 69)

Do mesmo modo, a velhice é tema de preocupações por parte de Gloucester, sendo esta a fraqueza explorada pelo astuto Edmundo. A autoimagem de Gloucester refletida na robusta constituição física de seu bastardo, embora traga a distorção da bastardia aos olhos deste, também lhe traz a reflexão sobre a finitude da existência.

Gloucester: (*Lé.*) Esse hábito que nos obriga a respeitar os velhos nos faz o mundo amargo nos melhores anos de nossa vida; priva-nos de nossos bens, que

só nos chegam quando a idade não nos dá mais condição de desfrutá-los. Começo a achar estúpida e insuportável a escravidão imposta pela tirania senil, que governa não pela força que tem, mas porque permitimos. Vem me ver, para que possamos falar mais a esse respeito. Se nosso pai dormisse até que eu o acordasse, você gozaria para sempre metade de suas rendas e viveria bem amado pelo seu irmão, Edgar. (SHAKESPEARE, 2015, p. 21).

Gloucester, obviamente enfurecido, fala em conspiração, pois realiza a leitura de que Edgar e, conseqüentemente Edmundo, estão percebendo seu declínio, envergonhando-se disso. O exemplo de Lear causa-lhe susto, de modo que a visão da senilidade o impele a provar que ainda é homem, forte e, por isso, digno e capaz de administrar sua vida, seu título e suas posses. Arma, contudo, com Edmundo, uma armadilha com o objetivo de alimentar seu ego e orgulho viris.

Mais do que a destituição do poder, Lear tem um problema maior: a administração de si próprio, ao passo que, ao recusar o cargo que lhe cabe, desiste também de quem é. A partir desse momento lhe é atribuído o signo da velhice, sendo que o que justificava suas ações inusitadas como “rei”, passa a ser visto pela perspectiva da falibilidade humana e, portanto, facilmente questionado. Desse modo, a loucura e a velhice polarizam um círculo vicioso que somente pode levar à destruição de Lear.

2.2 A LOUCURA E O PODER

A ruptura de poder provocada por Lear desencadeia movimentos de outras personagens, em cadeia, de forma que suas conseqüências dramáticas levem à perda completa das referências com a realidade até então apresentada. As estruturas de poder destruídas apontam para o início de um movimento antitético que pretende estabelecer uma nova ordem na economia da peça, que se inicia imediatamente à divisão do reino e que somente terá resolução com a morte de Lear.

O rei Lear, destituído de seu poder político e patriarcal, e esvaziado de sentido enquanto homem, percebe-se impotente diante da inevitável inversão de papéis: o que é um rei sem coroa, sem teto e sem sanidade? Somente lhe resta consolo nas brincadeiras e nas cantigas do seu Bobo, que age como uma projeção de sua consciência, não sendo levada a sério nem mesmo pelo próprio rei, permitindo-lhe tais liberdades, entretendo a todos com sua visão crítica da verdade. O Bobo age como um importante recurso cênico, propondo a quebra da seriedade e da melancolia de cenas trágicas, fazendo gracejos ao mesmo tempo em que reflete com o público o que o rei parece não ver:

Bobo: Por favor, titio, me diz: um louco é um nobre ou um plebeu?

Lear: Um Rei, um Rei.

Bobo: Não é não; é um plebeu que tem um filho nobre; pois é um plebeu louco quem faz o filho mais nobre do que ele (SHAKESPEARE, 2015, p. 85)

[...]

Bobo: Quem aconselhou a ti
A tuas terras doar
Tem que vir ficar aqui:
Ou ficas tu no lugar.
O insolente e o complacente
Surgem juntos de repente;
Um com roupas de demente;
O outro na sua frente.

Lear: Estás me chamando de bobo, Bobo?

Bobo: Você abriu mão de todos os outros títulos; esse é de nascença.

Kent: Isso não é completamente bobo, meu senhor.

[...]

Lear: Desde quando te encheste de canções, patife?

Bobo: Adquiri o hábito no dia em que transformaste tuas filhas em tuas mães; arriaste os calções e deste a elas a vara de marmelo. (*Canta*)

E aí elas choraram de súbita alegria

E eu me pus a cantar só de tristeza

Vendo o rei cabra-cega em correria

Mais um Bobo entre bobos sem defesa (SHAKESPEARE, 2015, p. 31-34).

O Bobo também denuncia que a ordem natural da monarquia está sendo invertida, do mesmo modo que, suas decisões políticas têm consequências severas incluindo a perversão do poder patriarcal das filhas sobre Lear. Kent por sua vez, corrobora as ideias do Bobo, validando o fundo de verdade dos gracejos com seu próprio tom sério e sua figura nobre e leal. Considerando haver uma inversão nos papéis, o velho rei e patriarca passa à posição de filho órfão e desterrado. A loucura e a velhice infantilizam Lear, recebendo por isso reprimendas maternas das filhas, ficando fragilizado para suportar tal relação intensa e, ao mesmo, tempo dura.

O exílio de Lear ocorre exatamente após o ápice dos conflitos com as filhas, que o destituem de seu inconveniente exército particular. Lear não tinha planos de morar alternadamente com as três filhas. Para Bradley (2009, p. 188-9), “Sua intenção era morar com Cordélia, e somente com ela. A ideia das temporadas alternadas de um mês com Goneril e outro com Regan ocorre-lhe no momento em que julga estar sendo vítima da desfeita da filha dileta”.

Portanto, a postura austera e injusta a Lear justifica-se na premissa da queda de sua autoridade e pela recusa de sua presença enquanto figura paterna. Considerando a visão medieval para o valor do indivíduo baseado em seu estrato social, Lear é conseqüentemente levado à

indigência completa. Os fragmentos abaixo exemplificam o tratamento dado a Lear pelas filhas herdeiras, em secreto conluio que objetiva submeter-lhe a uma situação supostamente irrecusável.

Goneril: [...] Não aguento mais. Seus cavaleiros se tornam turbulentos e ele próprio nos repreende por qualquer ninharia. [...] Se a ele não lhe agrada, que vá para a casa de minha irmã. Ela pensa exatamente como eu - não queremos mais ser tuteladas. É um velho inútil que pretende ainda exercer os poderes que já não lhe pertencem! Por minha vida, os velhos caducos voltam à infância, merecem repreensões e não carinho quando se vê que erram no caminho (SHAKESPEARE, 2015, Cena III p. 25).

[...]

Regana: Oh, senhor, o senhor está velho; a natureza em seu corpo já atingiu o seu limite extremo; deveria deixar-se guiar e governar pelo discernimento de alguém capaz de compreender sua condição melhor do que o senhor mesmo. Por isso eu lhe peço que retorne para junto de nossa irmã; e confesse que foi injusto para com ela (SHAKESPEARE, 2015, p. 61).

Regana assume o mesmo discurso da irmã ao afirmar o signo da velhice como justificção para a desrazão de Lear, de modo que este assume uma postura de vassalagem, implorando e ajoelhando-se, em um comportamento infantil, não compatíveis com a de um nobre. A sucessão de conflitos, culminadas na impossibilidade de Lear poder manter sob seu poder seus cem homens, provoca outro rompimento na economia de Lear que, vendo-se desterrado, busca asilo no lado de fora do conforto real, na floresta e no alheamento, sendo engolido por uma poderosa e simbólica tempestade.

A mudança do estado da natureza representa a marcação de um importante momento de transformação na obra, pois acena para a grande virada no estado mental de Lear. Se o impacto da ganância das filhas o deixa abalado, temendo pela sua lucidez, a demência se apresenta a partir deste fenômeno climático que marca o ambiente externo, bem como o interno, por analogia, pois a natureza humana e o destino se organizam e se manifestam apesar dos desejos, do poder e da autoridade.

Do mesmo modo, Edgar, filho legítimo e preterido de Gloucester, se exila na floresta e do oco de uma árvore “ressurge”, assumindo uma personalidade de louco, astutamente usando o artifício da aparência animalizada e grotesca como disfarce e como proteção à sua identidade primeira de nobre, dando vida ao Pobre Tom.

Edgar: Ouvi gritarem meu nome e, graças ao oco propício de uma árvore, escapei à caçada. [...] Enquanto estou livre devo arranjar um meio de salvar minha

vida. Estou resolvido a assumir a aparência mais vulgar e miserável, o limite em que a miséria, na sua degradação do homem, o aproxima do animal. [...] Ser um pobre maltrapilho, um pobre Tom, ainda é alguma coisa. Edgar já não é nada. (*Sai.*) (SHAKESPEARE, 2015).

Considerando o movimento de dentro de si para fora de si das personagens Lear e Edgar, vale lembrar que a primeira expulsão realizada na peça é protagonizada pelo próprio Lear, que exila Kent por sua interferência na decisão de deserdar/desterrar Cordélia. Kent, nesse caso, atua como a única voz racional em cena: “Kent: Passe bem, meu senhor. Já que procedes assim, a liberdade é lá, o exílio aqui” (SHAKESPEARE 2015, p.13). Lear, Edgar, Kent, e mesmo Gloucester, buscam asilo em algo que poderíamos denominar exílio de si. Lear, de fato perde as referências dos limites da razão; Edgar usa a loucura como disfarce, refugiando-se em uma cabana tosca no descampado, ou seja, em uma espécie de limbo cênico, ou *nowhere*; Kent, plenamente consciente, até o final, vai às entranhas da floresta para justamente resgatar Lear no exílio de si, protegendo-o novamente de suas próprias ações.

O exílio de si apresenta-se como a representação de um estado pleno de liberdade mental, externa e não suscetível às limitações das leis da razão. Da mesma forma, é o refúgio na loucura como alívio para o sofrimento o que deseja Gloucester, que não o obtendo, sofre de modo consciente até sua morte.

O ápice da loucura dá-se a partir de uma intensa relação de alteridade entre Lear e Edgar na cena IV, na qual ambos, estando fora de si, cada um com suas motivações e seus devidos níveis de intensidade, reconhecem a si próprios.

Lear: Também deste tudo a tuas filhas? É por isso que te encontras nesse estado?

Edgar: Quem dá alguma coisa ao pobre Tom? O desgraçado demônio me fez atravessar o fogo e as chamas, torrentes e redemoinhos, pântanos e areias movediças; colocou facas sob meu travesseiro, laços de força em meu caminho, veneno de rato em minha sopa e encheu meu coração de tanto orgulho que me achei capaz de montar um cavalo baio e atravessar a trote uma ponte com apenas quatro dedos de largura, perseguindo minha própria sombra como se fosse um traidor. Deus que conserve teus cinco juízos. Tom está com frio. Oh, dá, dá, dá, dó, du. Deus te proteja dos furacões, dos astros malfazejos e das pestilências. Uma caridade para o pobre Tom, atormentado pelo espírito do mal. Se eu pudesse pegá-lo agora aqui - ou então ali, depois ali e ali, ali... (*A tempestade continua.*)

Lear: As filhas dele o reduziram a esse estado? (*A Edgar.*) Não pudeste salvar coisa nenhuma? Lhes entregaste tudo?

Bobo: Não, guardou um cobertor, para cobrir com ele suas vergonhas. [...]

Lear: Nada poderia reduzir um ser humano a tamanha baixaza senão a ingratidão das filhas. É costume que os pais assim rejeitados tenham tão pouca piedade de sua própria carne? Castigo merecido - pois foi essa mesma carne que gerou essas filhas de pelicano. [...]

Bobo: Esta noite fria vai nos deixar a todos loucos e assustados (SHAKESPEARE, 2015, p. 77-78).

O bobo age como a voz da razão em meio à conversa desconexa e surreal, colocando o Pobre Tom em uma situação ainda mais favorável que a de Lear, pois ironicamente, esse tem uma cabana e um cobertor, enquanto que, da majestade restou apenas uma sombra. A conversa entre os loucos evolui para o reconhecimento do *nonsense*, de modo que Edgar, como Pobre Tom, seja chamado de filósofo.

O desespero que assola a todos aparece como um desencadeador da loucura. Tal atmosfera faz com que todos temam por suas razões que se demonstram já vacilantes diante da tempestade na natureza, nos cérebros e na economia dos próprios personagens, cuja manifestação ocorre em um registro fora do autocentrimento, culminado na disjunção linguística, que os impede de estabelecer relações mínimas de coerência comunicativa em suas maneiras de reconhecer a si próprio, o outro e o mundo.

Deste modo, concordo com Wells and Taylor (2000) ao afirmar que a alteridade de Lear com Edgar é fundamental para que a cena de Lear com Gloucester cego ganhe ainda maior peso dramático envolvendo um conjunto de ações ligadas à loucura, obtendo, portanto, efeitos universais no enredo das obras, por meio da sátira.

By causing Lear to go mad, Shakespeare greatly extends the character’s emotional range (and therefore his theatrical power); in his madness the King challenges not only his court and family but the universe around him. But madness also enhances the intellectual and political range of the play in the opportunities it affords for satire. Before Lear goes mad, the Fool satirizes him in snatches of verse and song that have a more than local resonance. The Fool leaves the play after Lear is sent to seek ‘welcome and protection’ (13.85) at Dover, but then Lear subsumes the Fool’s role within himself, directing against others, and against society in general—especially in his scene (Sc. 20) with the blind Gloucester—the kind of satire that the Fool had directed against him (WELLS & TAYLOR, 2000 p. 45).

Gloucester entra em cena e decide não obedecer às ordens reais proporcionando asilo a Lear, Edgar e seus acompanhantes. Kent, balizando-se pela racionalidade, observa que o estado de Lear é tal que “[...] toda a força de sua razão cedeu ao desespero.” (SHAKESPEARE, 2015, p. 84). Tal ato de caridade aos miseráveis, no entanto, foi considerado ato de traição por Regana e Goneril, o que lhe custou literalmente os “olhos da cara”. O estado de desespero inverte-se, ficando o próprio Gloucester como objeto de seu destino, em uma jornada que nos remonta a Édipo Rei de Sófocles, no qual a cegueira o coloca em um movimento de revelação da verdade, por mais

indigesta que possa parecer. Para Gloucester, é a chance da redenção, de modo que passa a ser guiado por seu filho Edgar, que ainda se apresenta sob a personalidade de Pobre Tom.

O contato com o pai cegado e amargurado coloca Edgar em contato com uma importante referência mesmo que em negativo, havendo, portanto, a possibilidade de reverter toda a calúnia que a ele fora imposta, sendo visto não mais pelos olhos do pai, contaminados pela infâmia e pela mentira, e sim julgado pelos olhos do coração. A loucura de Edgar prefigura a reversibilidade do descentramento para o autocentramento conforme seria visto pela psicologia moderna, considerando, no entanto, os signos religiosos como referência, interpretando a possessão demoníaca e espíritos do mal como causadores do desequilíbrio. O retorno ao autocentramento de Edgar se manifesta pleno à medida que o pai chega ao ápice de seu desespero.

Gloucester: E quem és, meu senhor?

Edgar: Um homem muito pobre, tornado submisso aos golpes do destino; que por artes de dores vividas e sofridas se tornou sensível à compaixão. Dá-me tua mão; eu te conduzirei a algum abrigo.

Gloucester: Eu te agradeço de todo o coração; e que a generosidade e a bênção do céu te recompensem (SHAKESPEARE, 2015, p. 115-116).

Na cena VI, à medida que Gloucester cego é conduzido por “Poor Tom”, Edgar passa a recobrar a razão, centrando-se em sua própria consciência novamente a partir da figura do pai. Lear é reconhecido Gloucester em uma cena carregada de poder dramático, em que Edgar e Gloucester utilizam diversas expressões objetivando carregar a cena com ainda mais pesar e remorso: “Ó visão desoladora! ”; “Se tivessem me dito eu não acreditava; mas é verdade, e meu coração se parte.”; “Oh, que mistura de bom senso e de absurdo.” Ai, ai, dia funesto! (SHAKESPEARE, 2015, p. 111-114).

A loucura de Lear e de Edgar, embora comparáveis, são de naturezas diferentes: enquanto a loucura de Lear baseia-se na completa exaustão mental, gradualmente agravada pelos golpes de seu destino fatídico, Edgar, nobre em seu caráter, somente pode justificar a saída de seu centro com o acometimento por um fator de outra ordem que o fizesse fraquejar (embora tenha tido seus momentos de excesso, conforme em Shakespeare 2015, p. 79). Assim, a ruptura radical representada pela possessão demoníaca e pelo enfrentamento de seus próprios demônios o leva a um estado de exílio heroico, no qual busca recuperar o comando do que é seu. Quando o Bobo o encontra na cabana, assusta-se gritando ter encontrado “um espírito”. O próprio Edgar, afirma em seguida:

Edgar: Fugam! O demônio impuro está atrás de mim. Os ventos sopram pelos ramos pontiagudos do pinheiro... Hummm! Vai pra tua cama fria te esquentar!

[...] O desgraçado demônio me fez atravessar o fogo e as chamas, torrentes e redemoinhos, pântanos e areias movediças; colocou facas sob meu travesseiro, laços de força em meu caminho, veneno de rato em minha sopa e encheu meu coração de tanto orgulho que me achei capaz de montar um cavalo baio e atravessar a trote uma ponte com apenas quatro dedos de largura, perseguindo minha própria sombra como se fosse um traidor. [...]. Uma caridade para o pobre Tom, atormentado pelo espírito do mal. Se eu pudesse pegá-lo agora aqui - ou então ali, depois ali e ali, ali... (*A tempestade continua.*) (SHAKESPEARE, 2015, p. 77-78).

A cegueira une-se à loucura enquanto elementos centrais, observadas na primeira cena da peça por Kent:

Kent: [...] Kent será rude enquanto Lear for louco. Que pretendes fazer, velho Rei? Julgas que o dever terá medo de falar quando o poder se curva à adulação? A honra tem de ser sincera quando a majestade se perde na loucura.

Kent: Vê melhor, Lear, e deixa que eu continue sendo o verdadeiro ponto de mira dos teus olhos (SHAKESPEARE, 2015, p. 12-13).

Gloucester e Lear por meio da loucura e da cegueira terminam suas vidas, podendo por meio delas se reconciliar com suas verdades e com seus filhos. Embora Edmundo tenha feito más escolhas, baseadas em grande parte por seu complexo de bastardia, reconhece-se falho e humano, esforçando-se na tentativa de reparar seus erros e reverter a maldade feita a Ofélia, propondo que tais ações apenas venham a reforçar o caráter de nobreza de sua personalidade.

A cegueira e a loucura de Lear, Edgar e Gloucester, ambas figuradas, apresentam-se como forma de sofrimento e redenção após a conciliação com os seus respectivos destinos, ao passo em que a loucura e a cegueira simbólicas de Goneril e Regana, que guiaram suas ações ao longo da peça, resultaram em sua autodestruição e em um final ignóbil, igualmente fatídico, agarrando-se ao poder, seja sobre um reino ou sobre a posse do “amor” de Edmundo.

De modo renovador, Edgar, a partir de seus versos finais, consolida sua missão e exprime a si próprio e ao futuro, considerando que aprendera o bastante com seu exílio e está, por isso, preparado para assumir o seu legado. Além disso, seu toma para si sua própria narrativa, do mesmo modo que Kent, que sobrevive à loucura e à cegueira, mantendo-se firmes e propondo dessa forma uma nova configuração de realidade.

Edgar: Ao peso destes tempos
Temos que obedecer.
Dizer o que devemos;
Não o que é bom dizer,
O mais velho sofreu mais;
Nós jovens, garanto,

Jamais veremos tanto,
Nem viveremos tanto.
(Saem, com marcha fúnebre.)
(SHAKESPEARE, 2015, p. 140).

O retorno à razão, ao autocentramento da peça, ocorre com a recomposição do reino a partir do reestabelecimento do poder, centrado em Edgar e Kent, que resistiram a todas as provações do destino, terminando a peça fortalecidos e tendo o poder como recompensa à sua virtude. Deste modo, a razão passa a operar no autocentramento das personagens, bem como no mundo em sua escala macrocós mica, representada pelo poder político e administrativo do reino.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A loucura pode ser observada de diversas formas na peça “O Rei Lear”, configurando-se como um tema que perpassa toda a sua estrutura, do mesmo modo que as ações realizadas sob o signo da velhice e da loucura provocam reações em cadeia, influenciando o desdobrar das ações dos personagens principais e secundários em seus núcleos, transformando-os inevitavelmente. Assim, a loucura neste trabalho de pesquisa foi apresentada sob dois enfoques diferentes, “a loucura e a velhice” e “a loucura e o poder”.

A loucura de Lear é central para a peça, desencadeando a partir do descentramento de sua autoconsciência a desestabilização política do reino em um movimento antitético na tentativa de restabelecer o equilíbrio. Do mesmo modo, o descentramento de Gloucester provoca a loucura e o posterior restabelecimento de Edgar, que se mede aos internos do hospital de Bedlam para deficientes mentais, buscando exílio para sua condição de perseguido no limbo e na loucura. Ambos os modelos diferem da loucura autodestrutiva de Goneril e Regana, que não conseguem exercer o mesmo papel de centralidade que Lear, caracterizando-se pela cegueira pelo poder e pela irracionalidade de suas ações.

Nesse sentido, a loucura age como condutora da obra O Rei Lear, seja em suas manifestações iniciais, em seu clímax, no qual se encontra com a cegueira, ou mesmo no desfecho da peça, com seus possíveis desdobramentos, seja espelhada nos enredos de Lear e de Gloucester lidando com ela, entregando-se a ela ou mesmo a tentando evitar.

4 REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BRADLEY, A. C. **A tragédia shakespeariana**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, p. 282.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o inconsciente**. 24 ed. São Paulo: Zahar, 2009, p. 25-26.

SHAKESPEARE, William. **O Rei Lear**. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2015.

WELLS, Stanley; TAYLOR, Gary. **The history of King Lear**. New York: Oxford, 2000.

Title

Visions of madness in William Shakespeare’s “King Lear”

Abstract

Madness is presented as one of the main themes on the book “King Lear”, written by William Shakespeare, reaching several stages and distinct manifestations, beginning with the king’s unusual desire to share his kingdom among his three heirs while he was still alive, hastening the problem of throne succession with such decision. The reach of monarchical power is highlighted in this research, because at the same time that it allows the power over the king’s vassals, it overlaps the king’s own will, who becomes bounded to his duties. This literary analysis paper aims to discuss and problematize the visions of madness presented by the book from two of its manifestations: madness and aging, and madness and power. In order to accomplish the objectives, a bibliographical research was carried out based on Shakespearian text, evidencing, problematizing, and discussing the chosen theme. The conclusion points out to a connection between manifested madness and dementia, blindness and power, going through the work’s main plot, and also influencing the secondary plots.

Keywords:

The King Lear; Madness and aging; Madness and power.

Recebido em: 23/08/2017.

Aceito em: 05/02/2018.